

CONCEPÇÕES DOS ALUNOS DOS ENSINOS BÁSICO E SECUCUNDÁRIO SOBRE A “TOXICODEPENDÊNCIA”- RISCOS E PREVENÇÃO.

Artur Gonçalves¹, Graça S. Carvalho¹, Vitor M. Rodrigues² & Carlos Albuquerque^{1,3}

1 – LIBEC/CIFPEC, Universidade do Minho,

2 – Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano -
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

3 – Centro de Estudos em Educação, Tecnologia e Saúde, ESSV, Instituto Politécnico de Viseu

1-Os jovens e a droga

Droga, é toda substância que introduzida num organismo vivo pode modificar uma ou mais funções deste (Ganeri, 2002). Como problema social que é, afecta particularmente os jovens, podendo-os conduzir a um estado de dependência física, psíquica ou de ambos os tipos (Marlatt, 2000) com repercussões seríssimas a nível “*ecossistémico*” pela introdução de disruptibilidade no “*microsistema*”: indivíduo, saúde, autonomia, auto-estima, responsabilidade, liberdade...; “*mesossistema*”: família, trabalho/emprego, amigos, respeito... e “*macrossistema*”: direitos, liberdades, recursos colectivos... (Bronfenbrenner, 1979).

Para a prevenção do uso/abuso de drogas em 1974 o Comité de Sábios em Farmocodpendência estabeleceu a doutrina da OMS a este respeito, considerando a escola como um dos pilares básicos na prevenção da drogodependência (Rush, 2000). Também a ONU no Conselho da Europa, a UNESCO e outros organismos internacionais alinham pelo mesmo diapasão, reconhecendo na escola o centro ideal de prevenção da toxicodpendência, uma prevenção inserida no plano global da Educação para a Saúde (Negreiros, 2000).

Assim, o enfoque escolar e a prática docente sobre a toxicodpendência como doença do foro psicológico deve assentar, não num modelo que vise exclusivamente a abstinência, mas, num amplo quadro que reflecta as implicações e complexidades biológica, psicológica, histórica e social deste problema, objectivando à intencionalidade do princípio causal (*predictores/factores de vulnerabilidade-factores de risco*) ou seja deve de forma

democrática, sistemática e intencional formar cidadãos construtivos, sócio-críticos, ecológicos e éticos, dotando-os de “*empowerment*” e “*literacia crítica*” (Carvalho, 2003).

Em função do quadro atrás aduzido e, pretendendo compreender as percepções dos alunos acerca das dinâmicas educativas promovidas no domínio das drogas e da toxicodependência, duas questões se impõem:

- 1 - Que avaliação fazem os alunos às práticas escolares no que concerne a riscos e prevenção do uso/abuso de drogas?
- 2 – Que concepções têm os alunos sobre a abordagem feita pelos programas e manuais escolares à problemática das drogas?

2-Metodologia

A “*população*” alvo é constituída pelos alunos que frequentam o 3º ano, 6º ano, 9º ano e 10º ano dos Ensinos Básico e Secundário tendo respondido ao questionário especificamente elaborado para o efeito 816 sujeitos com uma distribuição relativamente homogênea pelos quatro anos de escolaridade analisados: 198 alunos do 3º ano do 1ºCEB, 210 alunos do 6º ano do 2º CEB, 207 alunos do 9º ano do 3ºCEB e 201 do 10º ano do Ensino Secundário.

A grande maioria dos alunos é de meio citadino (52%) seguindo-se os de aldeia (38%) e os de vila 10%, todavia só 12% (3º ano) frequentam uma escola de aldeia. Na variável género, a amostra é constituída por 52% de raparigas contra 48% de rapazes (χ^2 , $p > 0,05$). O predomínio do género feminino sobre o masculino é uma constante em todos os anos excepto no 10º ano (42% raparigas e 58% rapazes). A origem socio-económica tem por base o operariado: indústria (25%), serviços (24%), comércio (22%), a situação de reformado/desempregado (17%), distribuindo-se os restantes 12% agricultores, intelectuais/cientistas e proprietários/patrões.

Para tratar os dados, recorreu-se ao programa “*Statistical Package for Social Sciences*” (SPSS 1.3) – para Windows, teste χ^2 , em que nível de significância assumido foi de 95% ($p < 0,05$) (Coolican, 1990; Pestana e Gageiro, 2000).

3-Análise e discussão dos dados

Globalmente, 56% dos sujeitos inquiridos reconhecem que as componentes de risco em relação ao álcool, tabaco e outras drogas estão mais presentes no género masculino. O ano/ciclo de escolaridade (Fig.1) constituem variáveis fortemente diferenciadoras (χ^2 , $p<0,05$ e $0,4<r<0,6$) relativamente à percepção que os alunos têm do género com mais componentes de risco no que concerne à problemática aditiva.

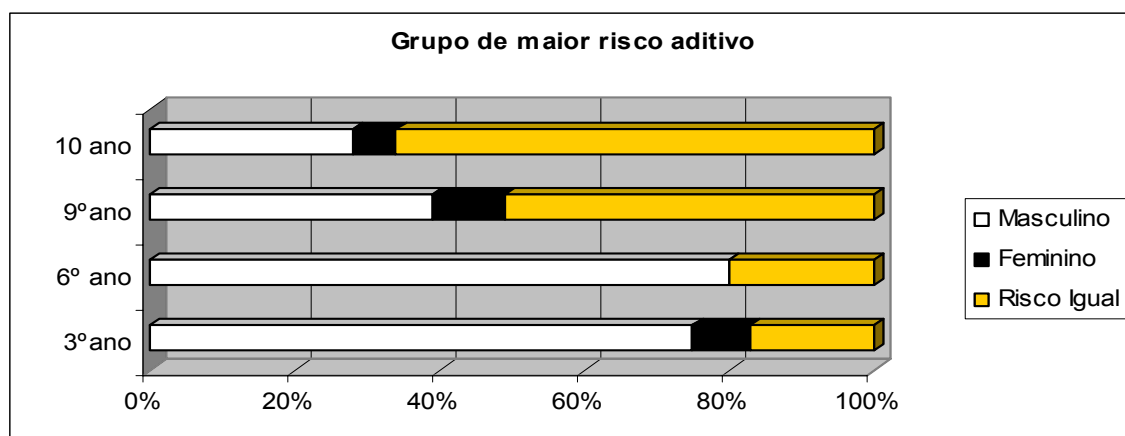


Fig.1.

Percepção dos alunos sobre o grupo de maior risco aditivo em relação ao álcool, tabaco e outras drogas

No domínio da toxicodependência 70% dos alunos inquiridos referem que a nível escolar não são desenvolvidas campanhas de prevenção e combate ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas.

O ano/ciclo de escolaridade diferencia fortemente os alunos dos quatro níveis de ensino (χ^2 , $p<0,05$ e $r>0,4$) relativamente ao domínio preventivo da toxicodependência (Fig.2) constatando-se uma maior incidência no 6º ano (39%) e 9º ano (46%) em contraponto com o 3º ano (15%) e 10º ano (20%).

No tocante à disciplina a tratar, os assuntos relacionados o álcool, tabaco e outras drogas sobressaem as Ciências (32%) logo seguidas da Formação Cívica (27%), de Todas (20%), da Psicologia (15%), de Outras (4%) e

Nenhuma (2%). Quanto ao ano em

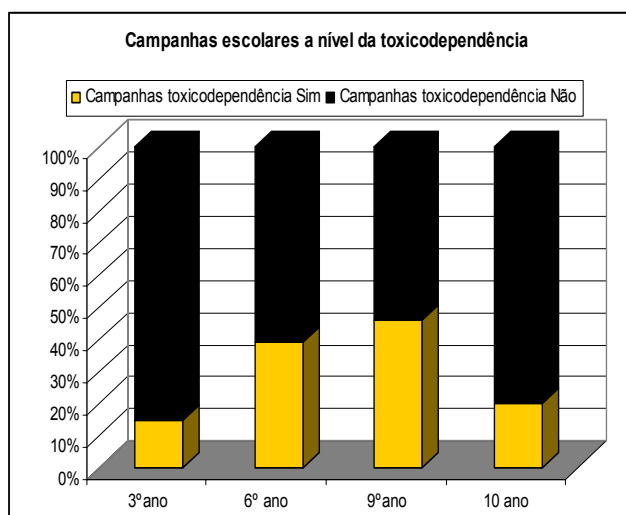


Fig.2 Percepção dos alunos sobre as campanhas escolares sobre a toxicodependência.

se deve iniciar a abordagem aos problemas do álcool, tabaco e outras drogas (χ^2 , $p < 0,05$, $r > 0,6$) sobressai o 3º ano (21%) seguindo-se o 5º ano (20%), o 1º ano (19%), o 7º ano (11%), o 4º ano (9%), o 6º ano (8%) e o 2º ano (7%).

O grau de preocupação dos alunos dos diferentes anos/ciclos de escolaridade e ciclos de ensino em relação aos diferentes tipos de droga traduz-se em diferenças estatisticamente significativas (teste Friedman, $p < 0,05$) com o tabaco (65%), o álcool (63%), a heroína (63%), a cocaína (62%), a cannabis (58%), o haxixe (56%) e o ecstasy (50%) a constituírem as drogas que mais preocupam os alunos enquanto no patamar das drogas que menos os preocupam surgem as anfetaminas (39%), os barbitúricos (38%), o crack (31%) e o peyote (18%).

O manual escolar como instrumento didáctico de alcance global e utilização rotineira é avaliado de “*muito importante*” no processo de ensino aprendizagem por 98% dos alunos do 3º ano, 86% do 6º ano, 84% do 9º ano e 61% dos alunos do 10º ano (χ^2 , $p < 0,05$, $r < 0,4$), todavia em todos os anos os alunos avaliam ainda de forma mais negativa os seus manuais escolares no que respeita a eles terem actividades para trabalharem o assunto, páginas da Internet ou números telefónicos de instituições.

Botvin e Kantor (2000) referem que as abordagens na prevenção do consumo de álcool, de tabaco e de outras drogas, baseadas em conhecimentos e atitudes centradas no

medo, têm surtido efeitos negativos, contudo 70% (N=571) dos alunos participantes no estudo quando confrontados com essa questão, concordam que os manuais escolares devem incorporar elementos chocantes (Fig.3) tanto em termos de imagem (68%) como de texto (72%).

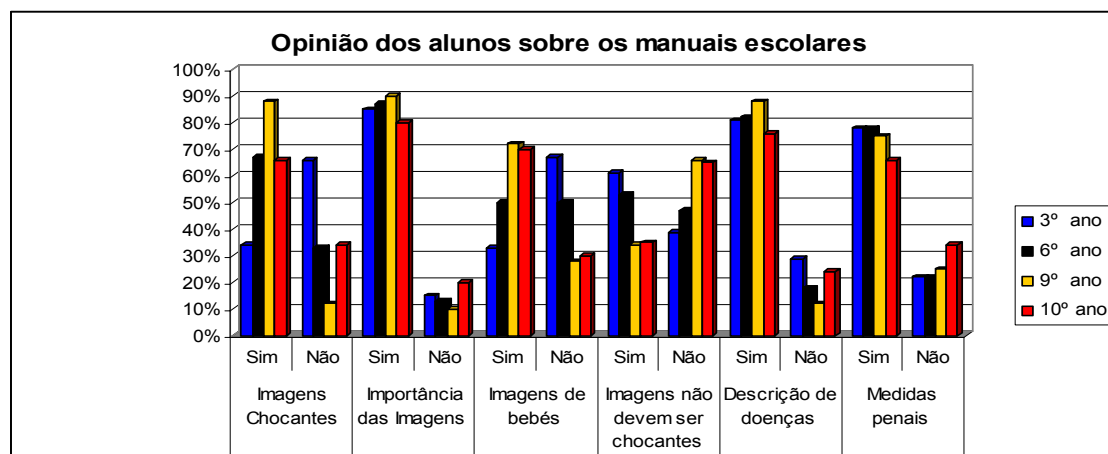


Fig.3- Opinião dos alunos sobre as componentes dos manuais escolares

Relativamente ao especialista mais indicado para trabalhar os assuntos do álcool, tabaco e outras drogas em contexto escolar, a lista é enfileirada pelo professor (36%), seguido do médico (31%), do psicólogo (30%) e por fim do advogado (3%). Embora na análise global os professores sejam os profissionais percentualmente mais considerados (36%), estes só constituem a categoria dominante (Fig.4) no 6º ano (40%). Pelo contrário, aos médicos que sendo segundos no global, obtêm a preferência dos alunos do 3º ano (44%) e 10º anos (39%). No entanto a categoria que regista o valor mais elevado é “Psicólogo” no 9º ano (44%) enquanto “advogado” constitui a categoria menos considerada em todos aos anos de escolaridade.

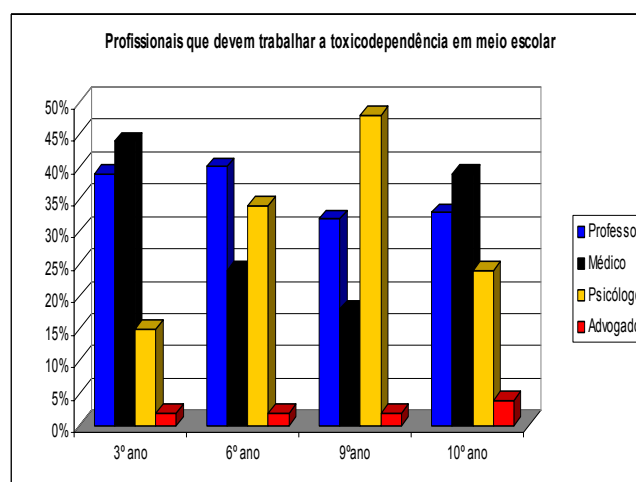


Fig.4-Percepção dos alunos sobre que profissionais para trabalhar a toxicodependência

4-Conclusões

Os alunos reconhecem o uso/abuso aditivo como problema grave com implicações sociais, individuais, económicas e de saúde pública e consideram ser mais presente no género masculino e com origem nas dinâmicas valorativas, culturais, socio-económicas e idiossincráticas.

À escola é reconhecido importante papel preventivo (informação, aquisição de competências), todavia, reconhecem também que as acções de prevenção incorporadas nas práticas escolares têm pouca expressividade.

Sobressair ainda a necessidade da abordagem à problemática do álcool, tabaco e outras drogas começar numa idade precoce (início do ensino obrigatório-1ºCEB), centrada na transversalidade disciplinar e liderada principalmente pelos professores e seguidamente por médicos e psicólogos

No domínio técnico-político identificam uma insuficiência programática na abordagem à problemática aditiva consubstanciada a nível icónica e textual dos seus manuais escolares, a qual, introduz obstáculos de natureza didáctica.

Bibliografia

- Botvin, G. e Kantor, L. (2000) Preventing Alcohol and Tobacco Use Through Life Skills Training. *Alcohol Research & Health*, 24(4): 250-257.
- Bronfenbrenner, U. (1979) *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Carvalho, G. S. (2003) Literacia Para a Saúde: Um Contributo Para a Redução das Desigualdades Em Saúde. In Lendro, M. et al. (org.) *Saúde. As teias da discriminação social*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- Coolican, H. (1990). *Research Methods and statistics in psychology*. London: London press.
- Ganeri, A. (2002) *Drogas: Do êxtase à agonia*. Men Martins: Publicações Europa América.
- Marlatt, B.C. (2000) Drogas e Jovens: abordagens contemporâneas. In: *Usos, Abusos e Dependências: Alcoolismo e Toxicodependências* (Ferreira-Borges, C. e Filho, H.C. (Ed)). Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- Negreiros, J. (2000) as prevenções do abuso de drogas em Portugal: apreciação crítica e perspectivas para o futuro, in Precioso, J., Viseu, F., Dourado, L., Vilaça, M.T., Henriques, R. e Lacerda, T. (org) *Educação para a Saúde*. Braga: Departamento de Metodologias da Educação-Universidade do Minho.
- Pestana, M. A. e Gageiro, J. N. (2000) *Análise de Dados Para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS* (2ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Rush, B. (2000) Avaliação de sistemas e programas de tratamento. In: *Usos, Abusos e Dependências: Alcoolismo e Toxicodependências* (Ferreira- Borges, C. e Filho, H.C. (Ed)). Lisboa: CLIMEPSI Editores.